

## RESENHA

CLOWNEY, Edmund P. **Como Cristo transforma os Dez Mandamentos**. São Paulo: Vida Nova, 2024. ISSN 2965-5234

Edmund P. Clowney (1917-2005) nasceu na Filadélfia. A sua primeira formação teológica foi no Wheaton College no ano de 1939. Em 1992 ele se tornou mestre no Westminster Seminary. Dois anos depois, ele adquiriu o título de S.T.M na Yale University Divinity School e doutorou-se no Wheaton College em 1966. No período em que fazia o mestrado, ele foi ordenado como pastor e trabalhou na Orthodox Presbyterian Church por pelo menos quatro anos. Em 1956 foi convidado a ingressar como professor auxiliar no Westminster Seminary e após dez anos se tornou o presidente do Seminário, ficando no cargo até 1984. Depois desse ciclo ele assumiu o cargo ministerial na igreja Trinity Presbyterian Church. Passado um tempo, no ano de 1990 ele e sua esposa se transferiram para a Califórnia. Ali, trabalhou como professor adjunto no Westminster Seminary, Califórnia, e, onze anos depois, ele assumiu o cargo de pastor auxiliar na Christ the King Presbyterian Church. Passados dois (2002) anos de ministério, ele retornou para a sua cidade e se envolveu com mais um trabalho, desta vez como mestre na Trinity Presbyterian Church. Clowney morreu em 2005 no peito de sua esposa e sobre as orações da sua família.

Logo de cara é possível perceber o perfil do autor da obra. Ele foi um bom exemplo de pastor-teólogo. Isto é, em nenhum momento da sua jornada aqui na terra ele deixou de servir a igreja e o seminário. Isso serve de referência para muitos estudiosos contemporâneos que percebem em seu coração um amor muito grande pelas reflexões teológicas presentes em ambientes acadêmicos, ao mesmo tempo em que serve à sua igreja com a mesma disposição e amor. Portanto, este já seria um bom motivo para ler a obra e perceber como um teólogo da envergadura do Clowney conseguiu explicar a Escritura com a profundidade de um teólogo e com a simplicidade de um pastor.

Clowney também foi um excelente escritor. Além desta obra que é o objeto desta resenha, há outros textos publicados em português. O primeiro a ser destacado é o livro: *“Pregando Cristo em Toda a Escritura”* publicado por Edições Vida Nova no ano de 2021 e *“Encontrando Cristo no Antigo Testamento”* também publicado pela Vida Nova no ano de 2023. Um ano depois, o leitor brasileiro agora é agraciado com mais uma obra do pastor-teólogo Clowney e, sem sombra de dúvidas, para quem já leu as duas anteriores, certamente, se beneficiará com as conclusões do autor neste livro.

Logo no prólogo encontramos um relato da filha de Clowney, Rebecca Jones, compartilhando os bastidores da obra. É de se impressionar o quão encorajador foi ler as duas

páginas do seu resumido relato. Ela compartilhou que esse livro foi aprovado para a publicação dias antes da morte de Edmund. Inclusive, por estar muito debilitado, ele não conseguiu sequer assinar o contrato. Coube à sua esposa ajudá-lo com essa tarefa. Jones também comentou que o livro não surgiu de uma demanda acadêmica. Pelo contrário, segundo ela, o seu pai havia percebido a necessidade de formatá-lo, logo após ter doado todas as suas energias em aulas na escola bíblica dominical de sua igreja. Isto é, mesmo com o seu físico limitado, por conta da sua alta idade, Clowney não deixou de servir a igreja com o seu coração e com o seu intelecto. Portanto, esse breve relato, certamente servirá de encorajamento ao leitor que adquirir esse livro. Afinal, ele (o leitor) se encontrará diante de uma obra que foi escrita por um homem que deu tudo pela mensagem do Evangelho.

O livro é composto por doze capítulos e a sua estrutura pode ser dividida em três partes: (1) Introdução (2) Desenvolvimento e (3) Conclusão. Qualquer semelhança com a estrutura de um sermão é mera coincidência.

Na introdução ele inicia dizendo que as Leis dos dez mandamentos foram dadas por Deus para um povo específico e com um objetivo específico. Ao escrever isso ele tinha em mente diversas cenas de funcionários públicos americanos que estavam utilizando as Leis para fins seculares e comerciais. Ou seja, usavam as Leis ao mesmo tempo em que negavam o seu aspecto religioso. Porém, Clowney deixa claro que as Leis haviam sido dadas para o povo de Israel e eles deveriam cumprir com a sua parte do pacto a fim de serem reconhecidos como uma população diferente das demais de sua época.

Outrossim, as Leis haviam sido dadas a um povo que tinha acabado de experimentar a salvação provida pela mão de Yahweh e que caminhava por um caminho onde o seu fim seria o encontro com o grande Salvador. Ou seja, Deus havia demonstrado o seu amor por meio do seu pacto com Israel e, futuramente, ele manifestaria o clímax deste amor por meio da encarnação do seu Filho. Portanto, se não houvesse o Filho vindo ao mundo, certamente, não haveria uma lei específica para um povo que o próprio Deus havia chamado de seu.

O desenvolvimento pode ser dividido em duas partes, a primeira agrupando os quatro primeiros capítulos (2-5) e a segunda, agrupando os seis capítulos restantes (6-11).

Sobre o primeiro mandamento: “não terás outros deuses diante de mim” (Ex 20.1-3), Clowney disse que ele é “a base de todos os outros que vêm na sequência, pois nele Deus se autodefine, estabelecendo sua identidade e seu direito de proferir mandamentos para obedecermos” (p. 28). Nestes termos, essa Lei destaca a presença de um Deus Redentor que não só liberta o povo, mas o elege para que eles estejam diante dele e fossem guiados por Ele. No entanto, como esse mandamento se cumpriu em Jesus? Esse mandamento se cumpriu a partir do

momento em que o Senhor “desceu em Belém” (p. 30). A devoção do Filho pelo Pai demonstra o cumprimento. Mas, em Cristo o mandamento também é transformado. Isto é, agora todos os seus seguidores deveriam segui-lo. De outra forma, honrar este mandamento implica honrar a Jesus. Afinal, como disse o próprio Deus: —Este é o meu Filho amado, “ao ouvi-lo cumprimos o primeiro mandamento” (p. 36).

No segundo mandamento: ‘não farás para ti um ídolo’ (Ex 20.4-6), Clowney, com maestria, inicia o capítulo defendendo que existem imagens de Deus. Porém, a grande questão sobre essa temática é que essas imagens foram criadas por Ele. Nesse sentido, só Deus poderia fazer imagem de si mesmo. Mas, do que essas imagens são compostas? Ele defendeu que a imagem de Deus não pode ser reduzida apenas ao aspecto da alma, como muitos defendem. Segundo ele: “o homem em seu estado criado de corpo-alma é feito à imagem de Deus” (p. 41). Clowney continua mostrando que em Jesus esse mandamento se cumpriu, principalmente, quando ele respondeu à questão da moeda onde se encontrava a imagem de César. Ali, as obrigações junto ao estado deveriam ser obedecidas ao mesmo tempo em que as obrigações com o Deus altíssimo também deveriam ser obedecidas. Esse episódio ensina a consciência que o Filho tinha do Pai, consciência esta, que não seria demonstrada fisicamente, mas sim espiritualmente. Porém, em Jesus, esse mandamento também foi transformado: nele temos a imagem perfeita de Deus. Isto é, “o Pai nos ofereceu uma imagem verdadeira para a adoração, e seu ciúme é despertado se escolhermos qualquer coisa que não seja o Senhor Jesus encarnado como o foco de nossa adoração” (p. 49). Portanto, “a vinda de Cristo transforma o segundo mandamento em adoração” (p. 48) a Ele.

Sobre o terceiro mandamento: “não tomarás em vão o nome do Senhor” (Ex 20.7), Clowney inicia dizendo que a ideia do nome de Deus vai muito além “do que uma combinação de letras e sons” (p. 54). O ponto aqui tem mais a ver com a Sua presença do que com simples discursos. Nesse sentido, “é impossível dissociar o nome de Deus de sua pessoa” (p. 54). Mas como esse mandamento se cumpre em Jesus? Segundo o autor, o nome de “Jesus cumpre todas as promessas atribuídas ao nome de Deus no Antigo Testamento” (p. 58). Mesmo diante de um Deus que não compartilharia a sua glória com ninguém, no NT vemos ele compartilhando a sua glória com Jesus. Por fim, como esse mandamento é transformado? É possível identificar duas respostas de Clowney. Na primeira “Jesus transforma o terceiro mandamento ao revelar o nome de Deus como Pai” (p. 57). A seguir, ele reivindica o nome de Deus para si, afinal, “ele sabia que o nome de Deus era o dele” (p. 59).

Sobre o último mandamento do primeiro agrupamento, a saber: “Lembre-se do dia de sábado, para santificá-lo” (Ex 20.8-11), Clowney mostrou como o sábado havia sido instituído. Para ele, “Deus estava revelando ao povo um princípio sobre si mesmo e sobre o povo” (p. 67). O

sábado tinha sido instituído por vários motivos, entre eles, a provisão divina sobre o descanso corporal, o que demonstrava que Ele também se importava com o bem-estar do seu povo; e o segundo que foi ainda mais profundo: “o sábado deveria levar o povo ao senso de apreciação e satisfação ativa a Deus” (p. 68). No entanto, à medida que a história avança, torna-se óbvio que a terra física não seria esse descanso final. Nesse aspecto o descanso haveria de se cumprir em Jesus. O Filho foi tão significativo que chegou a afirmar ser o “dono do sábado” (p. 71). Sendo assim, ele não apenas cumpriu este mandamento, mas o transformou em si mesmo. A imagem do descanso em Canaã foi apenas uma imagem do descanso que Jesus traria. Em Cristo “já provamos o descanso e a paz encontradas em sua presença” (p. 74).

Chega-se ao fim do primeiro bloco de mandamentos. Nesse parágrafo serão destacado brevemente alguns pontos. O primeiro tem a ver com a forma do texto. Encontra-se do primeiro mandamento 23 parágrafos. No segundo 29, no terceiro 21 e no quarto 30. Isso demonstra uma certa uniformidade no tempo a ser gasto com a leitura. Isto é, o leitor certamente não levará muito tempo em cada capítulo assim como os ouvintes de Clowney não ficaram 3 horas ouvindo as suas aulas. Eis aqui um bom motivo para a leitura. Por fim, acredita-se que, no capítulo sobre o sábado, o autor poderia ter gastado mais tempo trabalhando o tema no contexto do AT, pois foi exatamente desta forma que ele desenvolveu os capítulos anteriores. Feito essas considerações, passe-se agora para o segundo agrupamento de mandamentos.

O mandamento que abre a segunda parte é: “honra teu pai e tua mãe” (Êx 20.12). Clowney abre o capítulo mostrando como Cristo transformou o mandamento. Segundo ele, Jesus inaugurou um conceito mais amplo de família. “Os membros da família redimida tratarão sua família terrena com respeito” (p. 82) porém o seu dever agora é honrar a sua família espiritual. “Toda a família, a igreja de Cristo, recebe o nome do Pai porque ela está unida ao seu Filho” (p. 83). Diante desse novo significado, corre-se o risco de honrar a nova família em detrimento da outra. Com isso, como o cristão conseguiria conciliar essas duas demandas? Clowney responde usando as palavras de Paulo: “Filhos obedecem aos seus pais no Senhor” (p. 84) e estar no Senhor representa estar no seu corpo que é a igreja. Portanto, Jesus transforma o quinto mandamento propondo aos filhos cristãos que eles: “não honrem apenas os pais, mas também os membros da igreja” (p. 86).

Sobre o sexto mandamento: “Não matarás” (Êx 20.13) ele desenvolve, de forma inteligência, o conceito de vida. Segundo ele, havia em seu tempo duas possíveis conclusões sobre a vida. (1) A vida está acima de qualquer verdade e inclusive de Deus e (2) a vida humana não é superior, e, portanto, ela deve ser igualada a qualquer outro tipo de vida (p. ex: animais, vegetais etc.). Clowney defende que a Escritura equilibra esses dois lados. Ao mesmo tempo que o homem não se encontra acima da verdade ou de Deus ele possui em si algo que o diferencia dos demais

seres da criação, a saber a imagem de Deus (p. 95). Uma vez esclarecido o conceito de vida, e Clowney desenvolve o cumprimento e a transformação feita em Jesus. Cristo cumpre a Lei dando a sua vida e a transforma dando mais profundidade ao ato de matar. “Jesus nos mostra a profundidade e a amplitude desse mandamento. Ele afirma que todo aquele que proferiu palavras iradas contra seu irmão corre o risco de ir para o inferno” (p. 98). Portanto, “o cristão não é chamado apenas para se abster do assassinato, mas também deve se agarrar à vida tendo comunhão com o Espírito vivificante por meio do poder da ressurreição de Jesus” (p. 101).

O sétimo, o oitavo e o nono mandamento são os mais longos do livro. Seguindo a sequência, o primeiro contém 32 parágrafos, o segundo 36 e o terceiro 40 parágrafos. Sobre o sétimo: “Não adulterarás” (Êx 20.14) Clowney afirma que Jesus “cumpre o mandamento” (p. 105) por ser Ele o único “verdadeiramente puro” (p. 110). E Cristo o transforma, pois, a partir da sua “obra a sua santidade seria agora a base de nossa justificação de pureza nesta área”. Isto é, todo esforço já foi feito por Jesus e o que cabe a nós é sermos santos nele. No oitavo mandamento “não furtarás” (Êx 20.15) Clowney afirma que Jesus cumpriu e transformou o mandamento a partir do momento em que Ele passou a ajudar o cristão “a colocar o seu coração no verdadeiro tesouro” (p. 121). Considerando o contexto do AT, a terra seria a herança do povo eleito. Porém em Cristo a herança que a igreja possui é ser reconhecida como Filho de Deus e o seu tesouro é ser guiado pelo Espírito. Por fim, o novo mandamento: “não darás falso testemunho” (Êx 20.16), Clowney inicia mostrando que o AT contém diversos exemplos de testemunhas falsas (Jezabel, Nabote, etc.). Ele também faz uma diferenciação entre testemunho e evidência, onde o primeiro envolve “pessoas e o segundo fatos” (p. 141). Por fim ele explora com muita habilidade a imagem do tribunal, tanto no contexto do AT quanto no NT. No primeiro, é possível notar objetos como testemunhas entre duas pessoas (cj. Nm 17.7; 1 Sm 15.12 e Gn 31.51-53a). Já no NT, conforme afirmou Clowney: “não se vê mais crentes erigindo pedras ou objetos como testemunhas” (p. 146). Uma das razões, ele continuou: “é que os próprios apóstolos trouxeram o testemunho do Senhor no poder do Espírito Santo” (p. 146). Mas como esse mandamento se cumpre e é transformado por Jesus? Clowney diz que: “a própria lei é mudada quando Cristo está no banco dos réus. Toda justiça é resumida e transformada na pessoa de Cristo” (p. 148). De outra forma, “ao transformar o nono mandamento, Jesus mostra como o cristão o guarda, em vida e em palavras. Ele os chama para um testemunho de evangelização” (p. 153).

Por fim o último mandamento, a saber: “não cobiçarás” (Êx 20.17) Clowney desenvolve o conceito do coração. Para ele o desejo não é ruim, como pensa, por exemplo, os budistas. No entanto, o que deve ser levado em consideração é a inveja, isto o desejo de possuir aquilo que já se tem dono ou que afasta o crente de servir a Deus com satisfação (p. 159). Quando Jesus cumpriu

e transformou esse mandamento, Clowney afirmou que ele: “não pediu menos desejo, mas ordenou que todo esse desejo estivesse direcionado ao reino de Deus e a sua justiça” (p. 159). Com outras palavras, a ideia aqui é enquanto se deseja as coisas oriundas da criação, o coração pulsa ainda mais pelas coisas do alto.

Chega-se ao fim do segundo bloco. Nesse momento será exposto algumas observações. A primeira se encontra no sexto capítulo quando Clowney desenvolveu o mandamento de honrar os pais. Conforme exposto na primeira seção do presente texto, o autor é de tradição presbiteriana. Com isso, no sexto capítulo, ele defende o batismo infantil. Isso certamente soará contrário as tradições que entende que o batismo se dá após a confissão de fé, como, por exemplo, é defendido pela tradição desse escritor (a tradição batista). No entanto, esse assunto compõe apenas uma subseção do capítulo e suas conexões com o todo, embora faça todo o sentido para um presbiteriano, não prejudica a compreensão do tema maior do capítulo que é demonstrar como o mandamento da honra aos pais se cumpre em Jesus. Por fim, pelo que parece faltou fôlego para Clowney desenvolver o seu último capítulo. A base desse argumento se finca no total de parágrafos escritos (16 parágrafos). É importante lembrar que essa obra foi produzida por alguém de idade avançada. Por consequência, esse foi o capítulo onde teve o menor número de fundamentação bíblica. Também, não se vê a profundidade tão peculiar dos capítulos anteriores. O que pode ser notado é um texto muito bem escrito, organizado e objetivo. O que já seria o suficiente para ler e compreender suas propostas.

Na conclusão do livro, Clowney sintetiza as ideias centrais dos capítulos e insere um hino composto pela compositora Charitie Lees Bancroft.

Por que deveríamos ler este livro? Conforme exposto, a obra de Clowney toca em temas que diariamente o cristão se esquece. O mundo pós-moderno fomentado pelos poderes das trevas busca distrair os eleitos de Deus com propagandas, famas e oportunidades de carreira e sucesso. Porém, na contramão desse universo cada vez mais cético e niilista, o leitor brasileiro tem em mãos a obra: Como Cristo transforma os dez mandamentos. Um livro que certamente trará repouso a todo angustiado, encorajamento a todo aquele que se vê parado e alimento para todo aquele que deseja cumprir a “boa dieta”. Por fim, esse livro deve ser leitura obrigatória em cursos de escola dominical e culto nos lares. E, em alguma medida ele serve como leitura obrigatória para os alunos que estudam ética cristã e vida cristã no seminário.